

Educación Física Ambiental e práxis pedagógica: Expedición Missões-Derrubadas

Álvaro Luís Ávila da Cunha Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA

alvaro.balas@gmail.com

Vera Lúcia Gainssa Balinhas UNIPAMPA vera.balinhas@gmail.com

Ana Paloma Soares UNIPAMPA anapsoares26@gmail.com

Any Brum UNIPAMPA any.gracy@gmail.com

Clodomiro Falcão UNIPAMPA cpfalcao1969@gmail.com

Douglas Lubas UNIPAMPA dougdlr91@gmail.com

Fernando Dias UNIPAMPA fernando2493202@gmail.com

Giuliana Mello Dutra UNIPAMPA jumanamelo@gmail.com

José Ferreira UNIPAMPA

Lígia Mayra de Souza UNIPAMPA ligia-mayra@hotmail.com

Rosane Domingues UNIPAMPA rosanedominguesrd@hotmail.com

Thaline Vidoto UNIPAMPA thaline-vidoto@hotmail.com

Valquíria Moraes UNIPAMPA valquiria.moraes590@gmail.com

Resumo

Este artigo foi construído pelo grupo de ensino e pesquisa do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA da cidade de Uruguaiana, no Brasil. O objetivo é tornar visíveis as ações educativas oportunizadas pelo conhecimento, reflexão e vivência dos licenciandos/as em contato com diferentes ambientes sociais, históricos, geográficos e, ao mesmo tempo, viabilizar a incorporação da Educação Ambiental à cultura corporal do movimento; produzindo significados e conhecimentos que articulem a dimensão corporal e socioambiental. Neste texto, utilizo a análise dos relatos produzidos na expedição de estudos São Miguel das Missões – Salto do Yucumã. Acredito que as narrativas são as melhores maneiras de avaliar as

Expedições de estudo em termos de construção de conhecimentos e importância na formação dos/as professores/as de Educação Física.

Palavras-chave: movimento; ambiente; cultura; formação de professores/as.

Educação Física Ambiental e práxis pedagógica: Expedição Missões-Derrubadas

Nossas expedições são pouco mais que passeios, e à noitinha acabamos voltando ao pé de nossa lareira de onde partimos (...) mesmo nas mais curtas de nossas andanças, deveríamos avançar talvez no mais elevado espírito de aventura, dispostos a nunca mais voltar... (Thoreau, 1990:104).

Ânima

Escrevo este artigo de rompante, animado, motivado pela última expedição de estudos: (Missões-Derrubadas e Ruínas de São Miguel Arcanjo-Salto do Yucumã) realizada pelo Grupo de Estudos Movimento e Ambiente (GEMA) do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA. Com esta viagem fechamos um ciclo de seis anos de jornadas pelo município de Uruguaiana e pelo estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, explorando sempre as fronteiras, as margens, os limites.

Existe uma conexão inevitável entre o entendimento da dimensão ambiental no processo educativo e a trajetória de educador no sistema formal de ensino. E é sobre essa conexão que procuro articular passado e presente, atualizando e ressignificando a vivência no ofício de professor, apresentando um dos tantos caminhos que podemos trilhar neste integrar a dimensão ambiental à EF (Educação Física).

Desejo registrar com a maior pluralidade possível, a forma como estudantes vêm significando suas aprendizagens, e mostrar algumas maneiras de compor a dimensão ambiental com os currículos de formação de professores/as. O processo pedagógico ainda está acontecendo, o que torna esta escritura um tanto

provisória, precária e errante. É um relato muito próximo do vivido; torna-se, por isso, emergente. Não se trata de remontar a trajetória de quase trinta anos atuando na EF, mas de destacar os momentos e princípios de minha práxis onde percebi com mais clareza a incorporação da dimensão ambiental.

Especificamente este ensaio também objetiva dialogar com os recentes relatos de licenciandos/as em EF sobre a Expedição de Estudos Missões-Salto do Yucumã. Trata-se de minhas últimas observações e leituras da construção de conhecimento destes/as acadêmicos/as depois de 1600 km percorridos, dois acampamentos em três dias e duas noites de convívio com a história, geografia, ciências ambientais em vários ecossistemas do Estado o que foi suficiente para:

1- Mergulhamos na cultura missioneira através dos registros de pedras nas ruínas de São Miguel Arcanjo e do espetáculo de sons e luzes neste mesmo local onde Terra e Ruína contam a saga de jesuítas e guaranis contra os reinos europeus de Portugal e Espanha, trocados pela colônia de Sacramento na província Cisplatina (Uruguai) na foz do rio da Prata; bem a história é longa e não cabe neste registro.

2- Chegamos ao noroeste do Estado, fronteira com Argentina e o estado de Santa Catarina e nos deslumbramos com a Mata Atlântica e o seu tesouro ambiental o Salto do Yacumã, 1800m de queda d água longitudinal, uma fronteira exuberante Brasil-Argentina.

Fundamento e referências

Assim, des-envolver é tirar o envolvimento (a autonomia) que a cultura e cada povo mantêm com seu espaço, com seu território; é subverter o modo como cada povo mantêm suas próprias relações de homens (e mulheres) entre si e destas com a natureza; é não só separar os homens (e mulheres) da natureza como, também, separá-los entre si, individualizando-os (PORTO-GONÇALVES, 2004: 39).

Recordo meu primeiro aprendizado de ecologia ou de ensinamento em Educação Ambiental: foi em 1979, na 8ª série do Instituto de Educação Juvenal Miller (cidade do Rio Grande-Rio Grande do Sul-Brasil), quando o professor Philomena, da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), recém-chegado do Mestrado nos Estados Unidos, palestrava acerca da importância econômica e energética da

reciclagem, das então raras e robustas latas de refrigerantes. Assim, aprendi a reciclagem antes mesmo de ter acesso ao produto. O mercado impõe necessidades: estava eu contente e plenamente satisfeito com a garrafa, quando surgiu algo mais moderno e, imediatamente, passei a esperar o dia em que poderia ter a sensação de abrir a minha lata.

Evoco o exemplo por acreditar que reduzir o consumo é princípio quase ausente em processos de EA (Educação Ambiental); em contrapartida, reciclar e reutilizar, justo os dois princípios mais facilmente assimiláveis pelo capitalismo que costumam ser amplamente desenvolvidos e divulgados em projetos educacionais. Logo, a perspectiva crítica da sociedade de consumo é uma necessidade nos projetos ou processos pedagógicos escolares ou não formais. Aproveito para justificar dessa forma alguns autores, na minha compreensão, um pouco esquecidos nos estudos em EA, tais como, Jean Baudrillard (*A Sociedade de Consumo*) e Guy Debord (*A Sociedade do Espetáculo*), os teóricos da Escola de Frankfurt, na crítica radical à ciência moderna que em nome de acabar com os mitos, construiu a si própria como tal. Além da relevância do conceito de Indústria Cultural, que cunharam para compreender a produção em série de valores e estilos.

Um texto que me ajudou muito na tarefa de mobilizar os estudantes para a proposta do ruar foi a Sintaxe das Ruas, do poeta e escritor Márcio André; outros escritos igualmente inspiradores foram os de Henry Thoreau, principalmente o intitulado Caminhando, do livro Desobedecendo e, por fim, neste pequeno inventário de autores e obras, não posso deixar de citar Walter Benjamin e suas crônicas quase poéticas em Rua de Mão Única. Nestes referenciais, encontro a base “teórica” para meu trabalho e me sinto bastante à vontade para apresentar Pedagogia das Ruas: a cidade como currículo, enquanto proposta necessária na formação de professores e ou na docência do Ensino Básico; trata-se de uma perspectiva crítica da sociedade do consumo/espetáculo, uma necessidade básica em qualquer ação educativa que se proponha melhor perceber a relação entre ser humano e ambiente.

A práxis docente

Desde o início de minha docência, costumava caminhar com os estudantes pelas ruas do bairro, promovendo um primeiro passo, necessário ao estudo de realidade; mas comecei a tornar a prática mais intensa e pano de fundo para as outras vivências corporais mais características da área (jogos, esportes e ginásticas). As caminhadas se tornaram mais longas e, conseqüentemente, mais ricas em descobertas e aprendizagens. Na cidade do Rio Grande - RS, onde comecei minha práxis ambiental em educação, as condições geográficas são favoráveis por ser uma península, o que significa que em 40 minutos de caminhada atingíamos o limite da urbanidade encontrando canais, pontes, cais... Chamei o projeto na educação básica de "Entendendo o Planeta e Construindo Identidade", onde com os jovens mapeamos várias trilhas urbanas, além de visitar as ilhas e a cidade vizinha de São José do Norte só acessível de embarcação: era comum a História, a Geografia, a Arte, a Biologia comporem as conversas, quando parávamos para refletir sobre o que víamos e ouvíamos. Descobri, naqueles dias, mais precisamente o caráter pluridisciplinar do meu trabalho.

Nos últimos dez anos venho aprendendo, com as licenciaturas como trabalhar a dimensão crítica ambiental nos currículos do ensino superior, principalmente com duas das disciplinas que leciono: *Movimento e Ambiente e Responsabilidade Social e Meio Ambiente (cidade de Pelotas 2006-2011)*. E com o Grupo de Estudo Movimento e Ambiente e a Disciplina Complementar de Graduação Movimento e Ambiente (cidade de Uruguaiana 2012-até o momento). Tenho feito registros sobre tal experiência, escrito e apresentado trabalhos em eventos acadêmicos com o título *A Pedagogia das Ruas: a cidade como currículo*. Os/as acadêmicos/as da mesma forma em simpósios apresentam seus relatos e como percebem a educação ambiental na sua formação de professor/a. Socialização é uma palavra que aparece sempre indiretamente nos registros; costumo acreditar que a tarefa educativa poderia se resumir a isso: socializar; "os conteúdos" são acessórios muitas vezes desnecessários, importa mais o modo como aprendo do que o que aprendo.

O impacto da leitura daqueles relatos fez com que respondesse aos estudantes também com um pequeno registro:

E se escrevesse meu relatório?

Se fosse eu escrever sobre o que vivi com vocês até agora.

Poderia falar de todos os lugares, destas ruas, daquelas casas, do cheiro de capim molhado e esterco, do vento e da chuva em nossas caras, no jogo mágico e sincrônico dos músculos e articulações nos fazendo movimentar, de nosso metabolismo alterado depois da primeira meia hora de trajeto, do som das águas, da força dos verdes, do silêncio da noite de luas. Confesso que meus “recuerdos” (re-cordar significa voltar ao coração), minhas melhores e mais frequentes lembranças referem-se às pessoas, “meus estudantes” e “minhas” quase colegas trilhando vias, como se estas só existissem para que elas e eles desfilassem, as enchessem de cor, movimento, graça e um natural barulho. Os lugares precisam de nós para que continuem existindo, e nós precisamos dos lugares para nos tornar maiores, mais vastos, mais amplos mais e mais humanos humanas. Educar é se oferecer à vida. Gosto de vocês sem hipocrisia ou cinismo, mas com muito romantismo, sei que é um pouco fora de época, mas na vida são poucas as coisas que escolhemos. Ser educador é uma delas.

Estamos todos/as imersos em uma sociedade orientada por uma verdadeira “cultura do consumo”. Alguns estudantes recusaram-se a andar pelas ruas e acompanharam os percursos em automóveis, não conseguiam imaginar-se ocupando as ruas, a não ser motorizados. Não preciso salientar que os espaços urbanos são todos preparados para as máquinas, cada vez mais temos o asfalto como cobertura em nossas ruas, o que nos tornam mais velozes e também perigosos.

O objetivo do componente curricular e do grupo de estudos é apresentar aos futuros/as professores/as de Educação Física as enormes possibilidades de a Educação Ambiental compor de forma significativa suas práticas pedagógicas, qualificando aquele componente curricular que, não raras vezes, no cotidiano escolar, acaba se tornando sinônimo de esporte.

Muitos autores do século passado atribuíram à rotina urbana, os processos de desumanização e barbarização da sociedade; pretendemos também contribuir na formação de educadores/as que busquem na sua futura ação pedagógica e social movimentos de humanização; talvez não seja pedir muito, mas tenho uma certeza provisória de serem estes os fundamentos daquilo que chamamos genericamente de "processo educativo."

Aposto em espaços informais de educação: praças, ruas, quadras, rios, praias, morros, grutas, cachoeiras, matas nativas, parques, reservas.... Nosso espaço pedagógico pode ser este convite à exploração do ambiente através do corpo em movimento, de imersão nestas realidades, longe das cadeiras, mesas, entre paredes e quase imóveis. A EF com seus instrumentos lúdicos, seus jogos de encantamento e ócio é espaço de libertação das tensões escolares. Mas claro não é suficiente para compensar este enorme déficit entre escola e interesse do aluno/a. Este descompasso é a marca da escola como instituição.

Talvez a EF seja o componente curricular que se encontra em melhores condições de incorporar a dimensão ambiental no espaço e tempo escolar, pois somos, por excelência, professores em "espaço aberto" e, por isso, ocupamos, muitas vezes, os mais variados lugares. A EA, por sua vez, torna-se ferramenta importante para:

- propor projetos interdisciplinares;
- desenvolver o sentimento de pertencimento;
- conhecer os lugares de nossa cidade e região;
- refletir sobre o modelo de desenvolvimento social, hoje definitivamente globalizado;
- relacionar e comparar a urbanidade e as vivências cotidianas com ambientes pouco impactados pelo crescimento desordenado da cidade;

Enfim, a EA permite ao educador/a a possibilidade de encontros entre ser humano e ambiente; esse processo parece ser capaz de romper com nossos cotidianos mecanizados, perfeitamente planejados. Realmente as possibilidades ampliam-se a tal ponto de não caber dentro do currículo formal que chamo de "mínimo" (oferecido pela instituição), me agrada o currículo "paralelo", que devem ser os

espaços de formação construídos pelos próprios estudantes através de cursos, encontros, seminários, festas, papos de corredores, organização de passeios, jogos, semanas acadêmicas.

A técnica mais utilizada durante o processo pedagógico é o caminhar, vagar pelas ruas a partir de um trajeto definido no mapa das cidades. Procuramos, assim, explorar todos os limites do município em direção ao sul, norte, leste e oeste, tendo como ponto de partida a faculdade, a escola ou o centro do município. Foi assim nos municípios de Rio Grande e Pelotas e agora em Uruguaiana, onde estabelecemos o rio, seus arroios e bairros ribeirinhos (beira do rio) como referenciais geográficos inéditos para os/as estudantes, descobrindo coisas que sempre estiveram ali, tão perto, mas tão fora do contato cotidiano (Cunha 2012). Assim como fizemos com a cidade de Uruguaiana, explorando todos seus limites geográficos fizemos com o Estado do Rio Grande do Sul graças ao setor de frotas de nossa universidade que disponibiliza sempre que solicitamos um micro-ônibus 21 lugares ou um ônibus quarenta lugares. Desta forma chegamos por três vezes ao litoral sul praia do Cassino Rio Grande e Pelotas; litoral norte Torres e Parque dos Aparados da Serra, centro do estado Santa Maria e Nova Esperança do Sul e gruta nossa Senhora de Fátima, Parque estadual do Espinilho extremo Oeste Barra do Quaraí ao norte Parque estadual do Turvo salto do Yucumã Derrubadas passado pelo patrimônio da Humanidade São Miguel Arcanjo nas Missões. Nestas jornadas diversidade cultural e biodiversidade são conceitos literalmente vividos, seja na Ilha do Marduque bairro ribeirinho de Uruguaiana, seja no balneário Cassino seja no mercado de Itaqui seja nos cânions do Itaimbezinho... Uma outra técnica utilizada principalmente quando nas expedições de estudo foi o acampamento. O acampar permite imersão no lugar, uma ruptura com o relógio biológico orientado pelo ritmo da urbe. Muitos/as estudantes não suportam o silêncio e precisam ocupar com sua voz ou com música em alto volume a ambiência, mas o ambiente nos ensina a ouvir. Em lugares como as grutas de Nova Esperança do Sul não havia sinal de celular o que deixava todos/as um tanto quanto nomofóbicos (tipo de fobia ou sensação de angústia que surge quando o

indivíduo fica impossibilitado de acessar o mundo digital). Passar duas noites em um ecossistema diferenciado com pouca intervenção humana torna-se uma aventura de adaptação e, conseqüentemente de intensa aprendizagem. A desorientação é uma outra característica destas atividades, exige algum tempo para entendermos o ritmo e os sinais da natureza não humana, pois estamos intoxicados de natureza fabricada. Trilhar uma mata a busca de um arroio ou a descoberta de uma cachoeira se torna ser um processo “des”civilizatório de “des”glorificação sobre o todo e, talvez, em nossa esperança, a possibilidade de entendermos que somos parte e não proprietários de um mundo.

Relatos e suas categorias emergentes

Depois de descrever com rápidas pinceladas como venho no plano praxiológico construindo ligações entre Educação física e Educação Ambiental, ou como venho incorporando a dimensão ambiental na minha docência, me proponho neste último momento um exercício de construção coletiva do conhecimento, onde a voz é alcançada aos acadêmicos, atores principais do processo pedagógico através dos relatos/relatórios produzidos pelos mesmos em nossa última Expedição de Estudos São Miguel das Missões-Salto do Yucumã nos dias 18, 19 e 20 de agosto deste ano.

Desta forma destaco passagens de onze textos que na minha compreensão são capazes de identificar os princípios, conceitos centrais e objetivos da Educação Ambiental. Da sensibilização à produção textual, passando pela transdisciplinaridade, contextualização, pensamento crítico, observação, biodiversidade/diversidade, inclusão, sustentabilidade entre outros.

Optei pelo mínimo de intervenção de minha parte (professor), apostando na capacidade do leitor de buscar nexos entre o relato do vivido e os enunciados do ensaio; ao mesmo tempo em que convidamos a trilhar conosco o noroeste do Estado do Rio Grande do Sul que divide com Argentina e Uruguai um mesmo bioma chamado Pampa. Compartilhamos ainda com Paraguai e Argentina a história das Missões jesuíticas e suas encantadoras reduções e ainda com este último temos o Rio Uruguai como fronteira e o Salto do Yucumã. Boa viagem.

A justificativa

A grade curricular da universidade fornece aos acadêmicos conhecimentos essenciais para a formação de sua personalidade profissional. Entretanto, as atividades extracurriculares complementam esse processo de formação do profissional, pois desenvolvem habilidades motoras, afetivas, empatia e processamento de novos estímulos cerebrais (estudante Ana Paloma)

A Expectativa

Hoje, 17/08/2017, quinta-feira, agora tudo separado, tudo pronto com muita expectativa quanto essa viagem à São Miguel das Missões. Pela primeira vez vou conhecer esta região do meu estado. Essa vivência é o que a Universidade nos proporciona e isso significa que existe um grupo preocupado em colocar aos alunos, calouros, iniciantes, formandos, de qualquer curso, oportunidade de conhecer diversos ambientes, diversos tipos de vegetação, pontos turísticos, história pura, geografia, troca de experiências, entre os/as acadêmicos/as, vislumbrar situações que ficarão gravados em nossas memórias, contaremos essas aventuras aos nossos filhos, aos nossos alunos, aos nossos familiares. (estudante Clodomiro).

Encontro com a história

Nossa viagem teve início rumo a São Miguel das Missões, as Missões Jesuíticas Guaranis. Um local historicamente de muita importância, foi o território originalmente ocupado por indígenas, durante o processo de evangelização promovida pela coroa Espanhola na América, durante os séculos XVII e XVIII. O povo de São Miguel Arcanjo, ou das Missões, era uma das reduções que formava, com seis outros, os Sete Povos das Missões. Era uma reunião de grupos catequizados jesuítico-guaranis situados no noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul, em território brasileiro, às margens do rio Uruguai. As outras reduções dessa região eram: São Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo. Houve outras 23 na Argentina e Paraguai o que indica a grandiosidade daquilo que podemos chamar decultura missioneira.

Catequizados, os índios passaram a viver em povoados, onde funcionava um modelo de socialismo religioso. Uma dessas aldeias era a de São Miguel, que chegou a ter, em seu auge, mais de oito mil moradores, número um pouco maior que a população atual da cidade. Os índios ali residiam até Portugal e Espanha resolver dividir novamente a América do Sul, no Tratado de Madrid, assinado em 1750 (estudante Thaline).

A reflexão crítica

Mas o que me fez refletir foi: como os indígenas são vistos pela população local? Porque ao entrar no sítio, eu os vi em um canto, como se estivessem aparentemente excluídos, esperando os turistas para venderem seus artesanatos; sendo que, bem na entrada da secretária, havia lojas bem equipadas e organizadas de venda de artesanato. Porque não oferecer estes espaços para eles? Assim eles teriam mais visibilidade em mostrar seus artesanatos e, conseqüentemente, nos aproximaríamos da cultura deles, pois sentia uma distância entre os turistas e eles. Percebia, contudo, que íamos mais para ver as ruínas, mas esquecíamos dos descendentes do povo que as construiu e que ainda existem naquele lugar e continuamos a usufruir cultura e da história destes povos, sem dar o devido valor que eles merecem (estudante Any)

Arquitetura e natureza

Assim como o interior da igreja, o seu exterior não se perde, as poucas paredes que ainda estão em pé e outras que teimam em não cair mostram como este lugar foi bem planejado e dividido, dando uma ideia de um povo inteligente e culto, e por mais que suas estruturas estejam em ruínas, a natureza se encarregou de deixar o lugar mais lindo, pois caminhando pelas suas ruínas nos deparamos com muitas árvores abraçando as rochas, moldando suas raízes entre as pedras e unindo-se numa sintonia única. Algumas vezes não soube distinguir aonde começa a pedra e terminava raiz, ou aonde começava a raiz e terminava a pedra (estudante Rosane).

Teatro nas Ruínas

Ao final da tarde, assistimos ao *show* de som e luzes que retrata a história desse povo de uma maneira esplendorosa. No ato do espetáculo, me senti como se fizesse parte daquilo tudo, como se o tempo tivesse retrocedido. A dimensão artística oportunizada pelo espetáculo cênico integrou de forma inusitada os saberes ali reconstruídos pela presença na história viva (estudante Fernando).

A socialização

O próprio acampamento também foi uma atividade muito agradável para mim, que nunca havia feito algo do tipo, a confraternização nas noites com os demais colegas foi uma experiência muito prazerosa (estudante José).

2º dia

No dia 19/08/2017 acordamos bem cedo para desmontar o acampamento e então partirmos, a viagem durou aproximadamente 5 horas até o nosso destino, ao chegarmos fomos direto para o Parque Estadual do Turvo (estudante Douglas).

A Mata Atlântica

O Salto do Yucumã está dentro da reserva florestal localizada no Parque do Turvo, município de Derrubadas, o Parque é rico na diversidade da fauna, da flora e também serve de refúgio para animais ameaçados de extinção como a onça pintada e a anta, além de abrigo natural para outras tantas espécies. Yucumã, na língua Guarani Moconá significa “que tudo engole”, considerado o maior Salto longitudinal do mundo, está localizado no município de Derrubadas situado ao noroeste do Rio Grande do Sul, faz divisa entre o Brasil e a Argentina, suas quedas pertencem à Argentina, mas é do lado Brasileiro que podemos desfrutar da sua eximia beleza, sua fenda longitudinal mede aproximadamente 1800 metros de extensão com quedas de 12 aos 15 metros de altura, sua profundidade neste local é estimada de 90 a 120 metros.

Passamos por vários lugares onde foi possível observar várias espécies de árvores, de vários tamanhos e alturas gigantescas, lugares cobertos por pequeno lagos, no meio da mata, e das marrecas (uma espécie de ave, que se alimenta nesses locais), conforme íamos descendo a natureza se mostrava mais linda, fazendo-me refletir e questionar o porquê de tanta cobiça do homem em acabar

com locais como este, em destruir a natureza que tem tanto para nos ensinar e nos dá tudo... E o que pede é tão pouco. Quando enfim chegamos ao nosso destino principal onde está localizado o Salto do Yucumã sua beleza se mostrou imensa, este local é um lugar de área limpa onde tem uma clareira no meio da mata fechada, foi feito especialmente para receber turistas que tivessem a intenção de passar o dia e de se aventurar pelas diversas trilhas do local. Este lugar além de lindo me proporcionou uma paz de espírito muito grande, fez-me esquecer o quão corrido é meu diaadia e como é estressante o corre-corre entre trabalho e faculdade, percebi o quanto somos pequenos diante desta obra da natureza e o quanto nos preocupamos com coisas fúteis no cotidiano e deixamos de prestar atenção no resto. Essa paisagem me fez renovar asforças, dar mais valor ao nosso meio ambiente e ter a certeza de que precisamos cuidar dela, para que toda esta beleza e, casa para várias espécies, não acabe (estudante Rosane).

Ao prestigiar a bela natureza senti a nítida sensação de tranquilidade e energia positiva recebida pelo vento batendo no rosto e o barulho das águas caindo (estudante Lígia).

Conclusão

E como todas as viagens do Grupo de Estudos Movimento e Ambiente (GEMA), esta também nos levou a ter mais contato com a natureza, percebendo como o humano relaciona-se com o restante do ambiente. Também nos demonstra que nosso estado (Rio Grande do Sul) é formado de várias culturas diferentes, e por isso devemos respeitar todas sem nenhuma discriminação; e com certeza todas vivências proporcionadas pelo grupo agregaram muito em nossas vidas, pois conhecendo culturas e povos diferentes, tenho certeza será mais fácil entender e compreender os outros sem julgá- los(estudante Any).

...Deixa-nos, como experiência, muitas coisas boas, inclusive a de que homem e natureza são muito ligados, muitas vezes pela calma que ela nos traz. (estudante Douglas).

...Enriquece-nos de uma maneira sem igual, mesmo que lêsemos livros e mais livros, contanto as histórias desses locais, estes não equiparariam com a experiência de pisar nesses solos e sentir a verdadeira vibração positiva que ali existe. Poder dividir esses momentos junto a outros acadêmicos enobrece não só minha vida acadêmica, mas também como ser humano (estudantes Thaline e Fernando).

...Permite uma diversidade de conteúdo explorando aspectos naturais, sociais, históricos, culturais, entre outros. A saída é uma forma de aprender interagindo com o corpo de maneira ativa na exploração dos lugares. Vejo as saídas de campo muito importante para o aprendizado, pois oferecem inúmeras possibilidades de exploração fazendo-nos interagir com o ambiente o que contribui para o desenvolvimento da compreensão ambiental, enriquecendo as nossas vivências e conseqüentemente o aprendizado (estudante Valquíria).

Nessa viagem vivenciei momentos que ficarão na minha memória, acredito que para todos, experiências, vivências únicas que aprendemos a cultura, contato com a natureza, pessoas ótimas e alegres e que cada instante de toda a viagem tornou-se para mim não apenas uma viagem de faculdade, mas sim uma viagem que ficou e ficará marcada hoje e sempre (estudante Giuliana).

Creio que as narrativas são as melhores maneiras de avaliar o que significa as Expedições de Estudo em termos de construção de conhecimentos e importância na formação dos/as professores/as de Educação Física; sempre apostando em formas de integrar Educação Física e Ambiente.

Bibliografia

Cunha, A.L.A., Balinhas V.L.G. (2012) *Pedagogia das ruas: Caminhar, correr e pedalar*. Cadernos de Formação RBCE-v. e, n.1. Florianópolis, editora Tribo da Ilha.

Porto-Gonçalves, C.W. (2004). *O desafio ambiental*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa.

Thoreau, H. (1990). *Desobedecendo*. São Paulo: Círculo do Livro.

